



Análise da difusão das práticas educacionais da Escola 13 de junho com alunos da educação infantil e fundamental¹

Josieli Araújo Rodrigues²
Wesley Souza Mendonça³
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

O artigo em questão discute como professores da educação infantil e fundamental difundem textos de mídias na produção escrita e na oralidade. Aborda como a proposta das práticas educacionais podem ser sugeridas para a aplicação no dia a dia escolar. A pesquisa, feita por meio das técnicas de observação e obtenção de informação via entrevistas semiestruturadas, reforça a ideia de os educadores não só percebem a presença de textos de mídia na produção escrita textual ou na oralidade das crianças, mas que querem fazer uso deles. Com isso, entende-se, o professor precisa estar preparado para utilizar o novo recurso pedagógico. Sendo assim, é notável a necessidade de ensinar alunos e educadores a usar as tecnologias que possibilitaram a construção de suas identidades para que seja possível aumentar o poder de reflexão de ambos.

Palavras-chave: comunicação; educação; infância; educacional.

1 Introdução

Este trabalho busca discutir duas ciências, a saber, a Educação e a Comunicação, e de modo imbricado, tratando-se da Educacional. Nota-se que a Comunicação tem sido compreendida como um meio para fins pedagógicos. Porém, vê-se na Educação uma expansão na utilização de ferramentas tecnológicas que acompanha a evolução dos ambientes de trabalho, o que, acredita-se, precisa de um olhar analítico e crítico, para não se incorrer em modismos e\ou rasas ponderações.

Buscou-se fazer essa discussão a partir da realização de uma pesquisa sobre a difusão das práticas educacionais das turmas de ensino infantil e fundamental de uma escola em Rondonópolis (região Sul de Mato Grosso)⁴ onde reside a autora do trabalho em voga.

¹ Trabalho apresentado no DT 6- Interfaces Comunicacionais – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Especialista em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Rondonópolis, e-mail: josieliaraujo@hotmail.com

³ Graduado em Jornalismo pela UNOESTE – SP – e-mail: weysm@hotmail.com

⁴ De acordo com a pesquisa de 2012 do IBGE, Rondonópolis têm 202.309 habitantes. Ainda a pesquisa revela que a cidade tem o segundo maior PIB do Estado com 5,7 bilhões de reais.



Trata-se da Escola 13 de Junho, que tem 54 anos de fundação. Também por se saber que já existe na instituição um trabalho com mídias digitais.

A investigação consistiu em acompanhar durante uma semana como são trabalhadas as disciplinas que envolvem mídias e tecnologias no ensino infantil e no fundamental do colégio. Também se observou como os alunos em sala de aula interagem com os professores e vice-versa. Notou-se que alguns estudantes levavam para a escola o celular e que o domínio para trabalhar com as ferramentas digitais era presente. Fez-se, ainda, entrevistas com parcela dos docentes, de modalidade semiestruturada, conduzida a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador fizesse as necessárias adaptações.

O uso do mecanismo da entrevista foi escolhido porque, de acordo com Ludke e André (1986), permite um maior aprofundamento quanto ao assunto focado. Os autores afirmam que é no processo de pergunta e resposta que se cria a relação de interação entre interlocutores de uma pesquisa, havendo uma atmosfera de influência recíproca.

As entrevistas foram desenvolvidas com cinco professores que ministram aulas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Durante as seções de perguntas e respostas foi possível analisar como os educadores avaliam a presença de textos de mídia nas produções textuais e na oralidade das crianças. Partiu-se dos questionamentos de Martin-Barbero, entre eles, o de:

(...) como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto (MARTIN-BARBERO: 1996 p.12).

A importância da comunicação e do uso das ferramentas digitais na escola

No sentido de procurar respostas que atendessem ao cerne da pesquisa, aproximou-se dos estudos sobre a interrelação Comunicação/Educação, pois que inauguram um novo paradigma discursivo transversal, estruturando-se de um modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais por meio de áreas concretas de intervenção social, como aponta Soares (1999).

Partícipe desse esforço acadêmico, o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), órgão da Universidade de São Paulo (USP), surgiu em 1996 por meio da



formação de um grupo de professores, buscando compreender o pensamento dos coordenadores de projetos destas áreas de estudo e descrever o perfil dos profissionais com atuação nessa interrelação. Constatou-se que havia acontecido uma estreita aproximação entre os campos científicos, surgindo então um novo campo de intervenção social, a Educomunicação, que, em síntese, tem por meta a construção da cidadania, baseando-se no direito à expressão e à comunicação que cada sujeito possui (NCE/USP, s.d.).

Conforme Soares (2000, p. 61), “A educomunicação não se contenta com a tecnoinformação, mas ela pensa no apoderamento dos grupos sócias a partir de metas estabelecidas e as metas sempre dizem respeito às práticas de cidadania”.

Os objetivos da Educomunicação, ainda segundo o professor Soares, são, entre outros, o progresso do coeficiente comunicativo do sistema educacional, o incentivo à análise crítica da mídia de massa, o uso adequado dos recursos da informação em ações educativas e o desenvolvimento da capacidade de expressão. A Educomunicação, que carrega em si conceitos transdisciplinares, volta-se à natureza das relações sociais que aproximam coletivamente sejam adultos, crianças e jovens, todos juntos, trabalhando.

Morin fortalece esse entendimento, referindo-se à característica mediadora da mídia:

Pesquisas já mostraram que a mídia pode influenciar a vida das pessoas, mas que ela não desempenha um papel determinante no essencial. (...) Pode-se amar o futebol e ter consciência da realidade social. Quando falta essa consciência o responsável não é o futebol, mas certamente a situação política, social e educacional do país. Ver telenovelas não impede de ter consciência política e de contestar as injustiças sociais (MORIN:2003, p.10).

É por conta disso que Soares (2000, p. 62) ressalta que “O ecossistema comunicacional pode ser criado em ambiente familiar, na comunidade educativa ou numa emissora de rádio, e cada indivíduo ou instituição pode atuar em distintos ecossistemas, ou seja, o pertencimento pode ocorrer de modo simultâneo”.

Associado à Educom – terminologia resumida para Educomunicação –, tem-se letramento digital – traz-se o conceito de Letramento Digital, que lida com o estado da pessoa em alfabeto ou analfabeto. Para Magda Soares (2004), enquanto alfabetizar-se é deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado é adquirir a tecnologia do ler e escrever, bem como envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita.



O Letramento Digital deve ser trabalhado como um processo de construção do conhecimento e a importância da utilização desse recurso no processo de alfabetização. Nesse sentido, podem-se aplicar as tecnologias para que possam resultar em oportunidades de ensino. Por conta da nossa realidade social, da inserção de novas formas e métodos de leituras, o exercício da leitura midiática passou a indicar que não basta ler e escrever. É preciso fazer uso dos atos de ler e escrever nas mais diversas exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente, daí o recente surgimento do termo Letramento. Exemplificando algumas exigências de leituras, temos as propagandas, os filmes, as telenovelas, os desenhos animados, os noticiários e as mais inúmeras informações vindas da internet.

Postman (1999, p.27), no entanto, contrapõe esses posicionamentos, posto que, num mundo letrado, “ser adulto implica ter acesso a segredos culturais codificados em símbolos não naturais”. Ou seja, num mundo letrado, as crianças precisam transformar-se em adultos.

O pesquisador argumenta que com a descoberta da tipografia e, mais tarde, de outros meios/ferramentas de comunicação, levou à ideia do desaparecimento da infância, o que significa compreender que assuntos como sexo, violência, morte e separação, que seriam descobertos pelas crianças no seu desenvolvimento, aparecem de forma explícita na tela da televisão, na *internet*, mostrando que não existem mais segredos entre adultos e crianças, pois que todos têm acesso à mesma informação.

Tal situação explica porque a tecnologia, antes utilizada majoritariamente para a prática docente, hoje é também usada para a prática discente, cenário que demanda a ordenação deste uso para fins educacionais, com aprendizado recíproco, evitando-se, assim, o isolamento de uma das partes ou o incentivo ao conflito/concorrência entre elas.

Dessa maneira, pensando-se em Educomunicação, portanto para além do simples acesso e uso da tecnoinformação, deve-se conduzir os estudos e as práticas pedagógicas para o estímulo ao empoderamento dos grupos sociais com vistas ao exercício da cidadania. (SOARES: 2000).

Acrescentando ponderações ao debate, Buckingham (2006) expõe uma visão positivista sobre a infância e sua relação com as mídias digitais. Para o pesquisador, as mídias eletrônicas desempenham, sim, um papel cada vez mais significativo na definição das experiências culturais da infância contemporânea. O autor afirma que “o



mundo, inundado de informação, concerne mais ao quanto se sabe, à questão do uso que se pode fazer com o que se sabe” (BUCKINGHAM, 2006, p.16).

O pesquisador expõe ainda que, com a velocidade de transmissão da informação, pela via virtual, sobretudo, tornou-se impossível controlá-la. Para Buckingham, as novas tecnologias proporcionam às crianças meios de comunicação e de expressão cultural que lhes eram, até então, inacessíveis, e que podem fazer suas visões e perspectivas serem muito mais amplamente ouvidas. As mídias poderiam ser um meio de habilitar as crianças a se comunicarem por meio das diferenças, sendo de classes sociais, entidades e instituições. (BUCKINGHAM, 2006, p. 67)

Diz o autor, também, que “as crianças desenvolvem conceitos ‘políticos’ bem cedo, por meio de suas experiências diárias em instituições como a escola e a família; noções de autoridade, justiça, leis e regras, poder e controle” (BUCKINGHAM, 2006: p. 68), Por conseguinte, o autor destaca que as mídias têm um papel central, não apenas refletindo as mudanças sociais e culturais mais amplas, mas, também, produzindo-as. Apesar disso, o ensino sobre os meios de comunicação permanece em geral à margem da escolarização formal.

Infância, cultura midiática e digital: desafios para a educação

Vive-se em uma sociedade globalizada e do conhecimento, onde o avanço tecnológico já faz parte do nosso cotidiano. Faz-se necessário romper com os velhos paradigmas do tradicional e voltar o olhar a uma nova forma de ensinar, ou seja, buscar a contribuição das ferramentas disponíveis nas novas tecnologias. Desse modo, necessita-se pensar em formas de diálogo mais produtivo e menos fatalistas em relação ao binômio infância-mídia.

Longe de serem vítimas passivas das mídias, as crianças passam a ser vistas, na contemporaneidade, como dotadas de uma forma poderosa de “alfabetização midiática”, uma sabedoria natural, espontânea, de certo modo negada aos adultos. As novas tecnologias de mídia, em especial, são consideradas capazes de oferecer às crianças novas oportunidades para a criatividade, a vida em comunidade, a realização própria.

Salgado (2005) afirma que para compreender a criança na esfera da cultura e da vida social contemporânea é preciso reportar-se às concepções de infância tecidas nas relações construídas por crianças e adultos em diferentes épocas e culturas. Práticas culturais compartilhadas por crianças e adultos são desenhadas por modos de representar tanto a infância quanto a vida adulta.



Compreender a criança na história e na cultura, portanto, significa recompor e compor essas práticas, os significados e as imagens construídas em torno do mundo e da experiência infantil. Longe de ser um conceito abstrato, destituído de valores e perspectivas sociais, e uma categoria exclusivamente biológica ou psicológica. A infância é um discurso que, ao se transformar ao longo dos tempos, demarca lugares e papéis sociais a serem assumidos por crianças e adultos. Assim, não há como refletir sobre a infância fora do movimento da história, da cultura e das relações sociais entre crianças e adultos, pois todos esses fatores definem e redefinem seus significados (SALGADO: 2005, p.18).

Longe de ser um entusiasta da infância midiaticizada, Postman (1999) compreende que o novo ambiente midiático que está surgindo no mundo fornece a todos, simultaneamente, a mesma informação. Nesse sentido, “a mídia eletrônica acha impossível reter quaisquer segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver uma coisa como a infância”.

Estendendo o complexo debate, Salgado (2005) sustenta que, se outrora a criança era vista como um ser marcado pela ingenuidade, fragilidade e incompetência, cujo desenvolvimento dependia estritamente do controle adulto, por meio de uma educação pautada na disciplina e moralização, hoje ela assume o lugar de protagonista, alvo privilegiado da cultura do consumo.

Lévy (1999), estudioso da cibercultura, corrobora com a discussão ao negar a oposição entre real e virtual, explicando que não se trata de opor um ao outro, mas de perceber a essência de cada um, sendo o primeiro da ordem do “tenho” (palpabilidade) e o outro do âmbito do “terás” (ilusão, projeção). Outro termo estudado por Lévy importa nessa reflexão, qual seja, o hipertexto, que trabalha com a ideia de atualização textual da navegação e da leitura.

A hipertextualização, ao passado que potencializa diferentes formas de leitura, multimidiáticas e passíveis de se tornarem coautorias, também abre espaço para uma infinidade de novos textos e, por assim dizer, um potencial congestionamento informativo na rede. Por conta disso, é necessário ajudar o leitor a navegar nesse mundo digital. Auxiliá-lo a se encontrar, reconhecer-se no dilúvio informacional. Para isso, faz-se necessário entender o funcionamento dos aparatos tecnológicos existentes.

Se considerarmos o computador como uma ferramenta para produzir textos clássicos, ele será apenas um instrumento mais prático que a associação de uma máquina de escrever mecânica, uma fotocopadora, uma tesoura e um tubo de cola. Mas ele não é só isso. Explica Lévy (1999) que o suporte digital permite novos tipos de



leituras coletivas, tendo assim a possibilidade de trabalhar a interatividade entre os indivíduos.

Seguindo essa perspectiva, um pensamento se atualiza num texto e um texto numa leitura (numa interpretação). Ao reconstituir a atualização, a passagem ao hipertexto é uma virtualização. No espaço virtual, o texto é posto em movimento, envolvido em um fluxo, vetorizado, metamorfozado. Nada fica parado, tudo em volta está em movimento, até mesmo o indivíduo, que se virtualiza dentro de um meio tecnológico sem precisar sair do local em que está.

Para pensar em um mundo cercado de tecnologias digitais, em que as crianças são os principais alvos, seja para educação, para o entretenimento, lazer ou até informação, faz-se necessário, portanto, entender, ensiná-las como lidar com essas tecnologias. É necessário que a educação dessas crianças seja pautada em como utilizar as ferramentas tecnológicas para que elas aprendam: a interpretar as mídias, a virtualizar em um mundo cheio de possibilidades por meio das tecnologias. Temos que preparar nossas crianças para hoje, porque as tecnologias digitais já estão em nosso meio. (LÉVY, 1999, p. 112).

A pesquisa de campo: o que falam as professoras sobre o trabalho pedagógico com as mídias

As entrevistas buscaram inicialmente saber se os professores identificavam a presença de textos de mídia nas produções das crianças e como lidavam com estas ocorrências. No caso dos docentes da Educação Infantil indagou-se sobre as produções orais e quanto aos do Ensino Fundamental, quanto às escritas.

O critério de seleção dos professores foi definido pela proximidade com o tema proposto – a difusão de práticas pedagógicas assemelhadas às educacionais –, pelas disciplinas que ministram e também pelo tempo em que passam em sala de aula com as crianças.

Da entrevista com L.C.L.⁵, coordenadora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e da Educação Infantil da Escola 13 de junho, pedagoga há 26 anos e há 22 anos na instituição. Extraiu-se, de modo geral, que o colégio oferta a todas as turmas a disciplina “Filosofia”, a qual, para a Educação Infantil e para os dois primeiros anos do Ensino Fundamental, é conhecida como o “momento de filosofar”.

⁵ Optou-se por preservar a identidade das professoras.



A disciplina tem o objetivo de discutir significados de palavras, novidades, modos, maneiras e atitudes que vêm de dentro de casa, do círculo de amigos, dos momentos de brincadeiras em parques e praças.

P.S.D.F., professora, pedagoga há 17 anos e responsável por uma das turmas de Educação Infantil, expôs que é evidente a influência exercida pela mídia sobre as crianças, principalmente por meio de desenhos animados, filmes e propagandas. A profissional explicou que lida diretamente com a alfabetização das crianças, que costuma abrir espaço para novas palavras a fim de ensinar a escrever, e que as crianças preferem aquelas que são vistas na mídia.

A.C.F., professora há 20 anos na área de Letras e Linguagem, trabalha com o Ensino Fundamental na escola (e também o Médio), mas a entrevista levou em consideração informações apenas sobre as crianças do primeiro patamar (do 2º ano ao 9º ano), considerando aquelas a partir de sete anos, que são alfabetizadas.

A professora trabalha pedagogicamente com o celular há algum tempo, como um exemplo de mídia eletrônica. Conforme a profissional, os alunos “adoram estar o tempo todo com o celular”. Mesmo que o seu uso seja reprimido pela escola, as crianças buscam formas de usá-lo. Por essa razão, optou-se por trabalhar com a ferramenta em sala de aula. “Procuro ensinar que o celular tem mais utilidades além de mandar mensagens e fazer ligações” (A.C.F.).

R.A.S é pedagoga há 15 anos e trabalha na Educação Infantil e no Ensino Fundamental ministrando a disciplina “Informática, linguagens e códigos”. A professora aponta que toda a relação de aprendizagem e conhecimento em relação às mídias inicia no ambiente doméstico, afirmando que as crianças sempre chegam eufóricas para as aulas. “Talvez seja relevante considerar que elas ficam mais próximas do aparelho tecnológico, que é o computador, por isso trazem para a sala de aula mais assuntos relacionados às mídias em geral” (R.A.S.).

M.C.O.P., professora, pedagoga há 24 anos, leciona “Filosofia” para as turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Para a educadora, grande parte dos estudantes matriculados na escola tem TV a cabo, o que possibilita o contato com informações diversificadas. M.C.O.P. cita que uma das situações recorrentes, é a “febre” do MMA⁷ em que os meninos querem serem lutadores.

Explica a professora que eles não enxergam a violência como algo destruidor,

⁶ MMA – Mixed Martial Arts (Artes Marciais Mistas)



negativo, mas como “legal”. Como no MMA o mais forte vence, então, eles pensam que “têm que ser fortes”.

Já as meninas, de acordo com a educadora, vivem outras fantasias como, por exemplo, a de se parecer com a *Barbie*. A boneca influencia na construção de identidade das crianças, enfatizando padrões estéticos, posição social e *status* compreendidos por meio da propaganda, que aguça o consumo de um estilo de vida, “que é tudo o que se quer ser”. Assim, escola, para elas, torna-se um local que representa o momento em que podem contar suas experiências, fazer questionamentos aos professores e apresentarem “o que são” para as(os) colegas.

Como as professoras lidam com a presença dos textos midiáticos e oralidade em sala de aula

As entrevistas apontam que atualmente os educadores percebem de forma clara a presença de textos de mídia na produção escrita textual ou na oralidade das crianças. A avaliação da presença da mídia na vida das crianças tem tido um aspecto positivo, avaliam os educadores, porque garante a manutenção do trabalho escolar e abre espaço para novas intervenções durante as aulas.

Dentro da matriz de ensino da escola, a disciplina “Filosofia” aproxima-se do tema deste trabalho, pois com a inserção de palavras da mídia trazidas pelas crianças, professores podem conversar com os estudantes de forma mais didática. Mesmo que ainda as famílias e as instituições de ensino não estejam preparadas o suficiente para lidar com as tecnologias digitais, as crianças já possuem um contato direto com diversos aparelhos, como o computador com acesso à internet, a televisão, o vídeo game e o celular.

Destaque para algumas ponderações de P.S.D.F., que mencionou que as mídias exercem uma grande influência na vida das crianças, principalmente em se tratando dos desenhos animados, filmes e propagandas. Quando os alunos interpretam ou falam o que viram ou aprenderam fora da escola, mencionam tais produções midiáticas, principalmente as primeiras.

Quando A.C.F. “traz a internet” para a sala de aula, amplia a visão dos estudantes, possibilitando o conhecimento de novas formas de linguagens, fazendo com que, conforme Buckinham (2006) se use as tecnologias digitais para permitir que os “leitores” escrevam seus próprios textos, desconstruam-nos e reescrevam textos pré-



existentes de várias maneiras diferentes, o que corresponde a uma intertextualidade transmidiática.

Assinala-se, partindo das palavras de R.A.S., que as aulas de Informática, Linguagem e Códigos contribuem para o ambiente e os exercícios ficarem mais atraentes e se ampliar o poder de Letramento. Assim vivenciam na escola uma espécie de extensão do lar, onde, em sua maioria, têm acesso às tecnologias.

R.A.S. afirma, Buckingham (2006) ressalta que as crianças precisam ser encorajadas a proteger-se no contato com a *internet* e a tomar cuidado com as informações que lhes são repassadas, por empresas, “amigos virtuais”, entre outros. A vontade das crianças de estarem conectadas é grande, e neste sentido, observam os educadores, é preciso preocupações quanto aos perigos do mundo virtual, da exposição à pedofilia ao consumo e acesso a jogos com temáticas violentas.

A experiência sugere que elas rapidamente se dão conta disso. Em um nível mais complexo, precisa-se examinar a forma como as crianças aprendem a avaliar as informações que encontram, o que vale também para os adultos. Afinal, espera-se que a pessoa letrada precisa aprender a ser reflexiva e analítica, paciente e afirmativa, ponderada, para poder, após a devida consideração, dizer “não” a um texto.

Considerações

A pesquisa acima exposta buscou entender um pouco mais a relação das crianças com a mídia. Viu-se que é necessário ensiná-las a utilizar as mídias como meios de aprendizagem para serem não apenas receptoras, mas também produtoras de significados. Vários autores citados neste trabalho apresentaram de maneira explícita que a relação das crianças com a mídia é, inúmeras vezes pré-existe à escola. O que falta é educá-las, ou seja, ensiná-las a se apropriar do que as tecnologias trazem de favorável para a construção de suas identidades.

Considera-se que caberia ao educador o domínio de tecnologias da informação, a inserção das mídias, dos aparatos tecnológicos nos currículos escolares para efetivar a democratização cultural das ferramentas tecnológicas no sentido do saber, do conhecimento e do Letramento.

A abordagem aqui empregada (a Educomunicação) abre espaço para novas discussões no que diz respeito também à ação transformadora da escola a partir de uma



educação emancipadora, utilizando a comunicação como um elemento para a construção da autonomia e da cidadania.

Não podemos negar o acesso às mídias, mas sim, conduzi-lo de modo a ensinar crianças e jovens a usar os aparatos tecnológicos de forma consciente. É importante que educadores apresentem novas propostas voltadas para uma educação emancipadora. Faz-se necessário que a escola enquanto instituição que quebra barreiras socioeconômicas busque por meio da comunicação a utilização adequada dos aparatos tecnológicos, para que possamos ter uma sociedade que pense mais no âmbito coletivo e, ao mesmo tempo, valorize a subjetividade do indivíduo.

Referências

BUCKIGHAM, David. **Crescer na era das mídias: após a morte da infância**. São Paulo: Loyola, 2006.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** 3. ed. São Paulo: 34, 1999.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **“Heredando el Futuro: Pensar la Educación desde la Comunicación”** Revista Nómadas, nº 5, Santafé de Bogotá/Colombia: Universidad Central, 1996.

_____. **“América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social”** In: SOUSA, Mauro Wilton (org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MORIN, Edgar. **“A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação)”** In: Revista FAMECOS, nº 20. Porto Alegre, 2003.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.



SALGADO, Raquel Gonçalves. **Ser criança e herói no jogo e na vida: a infância contemporânea, o brincar e os desenhos animados.** 2005. (Tese de Doutorado) Programa de Pós Graduação em Psicologia clínica da PUC-RIO.

SOARES, Ismar de Oliveira. **“A Educomunicação e suas áreas de intervenção”** In: Educom. TV, tópico 1, ECA/USP, 2002.

_____. **“Educomunicação: um campo de mediações”** In: Revista Comunicação & Educação. n. 19. São Paulo: Segmento/ECA/USP, 2000.

_____. **“Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”** In: Revista Brasileira de Comunicação Artes e Educação, n.2. Brasília, 1999

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.